

Uma nota sobre a presença do Brasil em The wealth of nations

Antonio Carlos Lemgruber *

1. Adam Smith e o Brasil-colônia; 2. Adam Smith e o Tratado de Methuen.

De que forma o Brasil aparece em *A riqueza das nações* — *The wealth of nations* — o livro clássico de Adam Smith publicado em 1776? Quais são as observações de Adam Smith sobre a *performance* econômica do Brasil nos seus primeiros 276 anos como colônia portuguesa? Que perspectivas o economista escocês via para a economia brasileira 200 anos atrás?

Nas comemorações do 200º aniversário da publicação de *The wealth of nations*, o objetivo desta pequena nota é simplesmente o de registrar a presença do Brasil — juntamente com outros países da América Latina — naquele livro básico da história do pensamento econômico.¹

* Economista do IBRE/FGV e professor da EPGE.

¹ Nesta nota, vamos-nos concentrar apenas nas observações de Adam Smith sobre o Brasil. De qualquer forma, segue-se uma lista de itens retirados do índice do livro que são de alguma forma relacionados à América Latina: Acapulco, Bahamas, Barbados, Braganza, Brazil, Buenos Aires, Chile, Cortez, Cuba, Curaçao, Eldorado, Pernambuco, Jamaica, Lima, Marannon, México, Montezuma, Paraguay, Pizarro, Peru, Plate River, Quito, San Domingo, South Sea Company, Surinam, Terra Firme, West Indies. Há certamente outros itens, tais como Sugar, Methuen, Portugal, Spain, que também se relacionam — pelo menos indiretamente — à América Latina.

Interessado em explicar a natureza e as causas da riqueza das nações, Adam Smith dedica o livro IV à explicação das diferentes teorias ou sistemas de política econômica, particularmente o que ele chama de sistema de comércio — mercantilismo — e o sistema da agricultura — fisiocracia. A maior parte do livro IV é voltada para a descrição do mercantilismo. Isto é justificado pelo fato de se tratar do “sistema moderno”, o qual era aplicado àquela época — século XVIII — nos países europeus.

Resumidamente, Adam Smith apresenta o mercantilismo como um sistema para o qual a riqueza consiste em ouro e prata, que só podem ser obtidos mediante superávits comerciais. Conseqüentemente, a teoria mercantilista objetiva restringir importações e encorajar exportações. Procurando mostrar as falácias do sistema — que sacrifica os interesses do consumidor em favor dos interesses do produto —² Adam Smith descreve detalhadamente tais restrições e incentivos. As restrições às importações consistem sobretudo em políticas protecionistas. Já entre os diversos métodos utilizados para estimular exportações, encontra-se o estabelecimento de colônias em países distantes, com monopólio comercial para o país colonizador.

Deste modo, justifica-se a inclusão do longo capítulo VII do livro IV sobre as colônias — “Of colonies” — contendo três partes: os motivos para o estabelecimento de novas colônias; as causas de sua prosperidade; e as vantagens para a Europa da descoberta da América e do caminho marítimo para as Índias.

Evidentemente, a participação do Brasil no livro concentra-se basicamente neste capítulo. Mais interessante ainda, como observa o editor Edwin Cannan na introdução da obra, apesar de Adam Smith justificar o tema das colônias dentro dos métodos mercantilistas de expandir exportações no capítulo I do livro IV, “in the chapter itself there is no sign of this. The history and progress of colonies is discussed for its own sake, and it is not alleged that important colonies have been founded with the object suggested in Chapter I”.³ O leitor assim pode deleitar-se com a envolvente descrição feita por Adam Smith das diversas colônias, inclusive do Brasil.

² A edição utilizada para a elaboração desta nota é a da Modern Library: *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations*, edição de Edwin Cannan, New York, The Modern Library Edition, 1937. Todas as referências se reportarão a esta edição. Por exemplo, as observações de Adam Smith sobre as falácias do mercantilismo encontram-se sobretudo nas p. 625-6 (cap. VIII do livro IV).

³ Veja a introdução do editor, p. xxxvii.

Como observa Cannan,⁴ o fato de as colônias terem atraído tanto a atenção de Adam Smith não é surpresa se lembrarmos que o período onde aquela parte do livro foi escrita — década de 1770 — caracteriza a tentativa de se taxar fortemente as colônias inglesas, culminando na Declaração de Independência dos Estados Unidos, em 1776 também.

O Brasil vai aparecer ainda, com alguma ênfase,⁵ no capítulo VI do mesmo livro IV, que descreve outro método de estimular exportações — os tratados comerciais. Ali, o exemplo utilizado por Adam Smith é o famoso Tratado de Methuen, de 1703, entre Portugal e Inglaterra, no qual o Brasil — sobretudo o seu ouro — teve importância, se bem que indireta.

A seguir, vamos comentar as principais observações de Adam Smith sobre o Brasil, inicialmente no capítulo VII sobre as colônias e depois no capítulo VI sobre os tratados comerciais.⁶

1. Adam Smith e o Brasil-colônia

No capítulo VII do livro IV, Adam Smith tece considerações sobre as colônias, começando pelos motivos que determinam o estabelecimento de novas colônias. Depois de comentar um pouco a história das colônias gregas e romanas, Smith afirma que o estabelecimento de colônias européias na América foi certamente estimulado pelos minerais descobertos por Colombo. Mas, a descoberta do Oeste — como ele diz —⁷ foi ocasionada por projetos espanhóis de comércio para com as Índias Orientais, já que tal comércio era altamente lucrativo.

Como os países descobertos por Colombo não fossem ricos em animais ou vegetais — em contraste com a China e o Indostão, por exemplo — Adam Smith diz que Colombo se baseou nos minerais para justificar a conquista

⁴ Veja a introdução do editor, p. xxxviii-xxxix.

⁵ Deve-se notar que o Brasil aparece pelo menos de passagem em vários trechos de *A riqueza das nações*. No índice, por exemplo, registra-se que há referência sobre o Brasil em 11 lugares diferentes no livro, mas é certo que a maior parcela das referências se concentra nestes cap. VI e VII do livro IV. Veja também nota de rodapé 1.

⁶ Deve ser enfatizado que o objetivo desta nota é puramente descritivo. Assim, estará fora dos limites deste trabalho, por exemplo, apresentar evidência empírica que refute ou confirme algumas das afirmações de Adam Smith sobre o crescimento do Brasil-colônia ou sobre a política de Portugal e da Inglaterra com relação às colônias. É certamente de interesse, porém, registrar a fonte utilizada por Adam Smith em todas as vezes em que o economista dá alguma informação factual a respeito do Brasil: Raynal, G.T.F. *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des européens dans les deux Indes*, Amsterdam ed., 1773.

⁷ Cf. p. 531.

das novas terras, chamadas de Índias Ocidentais. A partir daí, os espanhóis — e depois portugueses, ingleses, franceses, holandeses, suecos e dinamarqueses — iniciaram expedições em busca de minas de ouro e prata.⁸

Para Adam Smith, a procura por ouro e prata está certamente entre os mais caros e incertos projetos — talvez a loteria mais desvantajosa do mundo —⁹ mas ele lembra que havia sempre a esperança de encontrar o país do Eldorado. De fato, os espanhóis tiveram algum sucesso neste sentido, na conquista do México e do Peru ainda nas primeiras décadas do século XVI. As outras nações não foram bem sucedidas nesta busca.

Já na segunda parte do capítulo, Adam Smith analisa as causas da prosperidade das novas colônias. Em algumas considerações gerais iniciais, o economista dá ênfase à combinação de terra abundante e barata com mão-de-obra cara. Tal combinação teria estimulado o progresso e o aumento da população, sobretudo quando não havia muita interferência dos países-mães. A distância da Europa facilitava a menor dependência com relação à Europa. Teriam progredido mais rapidamente as colônias que estivessem “at liberty to manage their own affairs in the way that they judged was most suitable to their own interest”.¹⁰

Na tarefa de descrever cada colônia, Adam Smith registra, baseado no trabalho de Raynal,¹¹ um pequeno histórico da colônia portuguesa do Brasil:

“After the settlements of the Spaniards, that of the Portuguese in Brazil it was for a long time in a great measure neglected; and during this state after the first discovery, neither gold nor silver mines were found in it, and as it afforded, upon that account, little or no revenue to the crown, it was for a long time in a great measure neglected; and during this state of neglect it grew up to be a great and powerful colony.

“While Portugal was under the dominion of Spain, Brazil was attacked by the Dutch, who got possession of seven of the fourteen provinces into which it is divided. They expected soon to conquer the other seven, when Portugal recovered its independency by the elevation of the family of Braganza to the throne. The Dutch then, as enemies to the Spaniards, became friends to the Portuguese, who were like-wise the enemies of the

⁸ Cf. p. 530-1.

⁹ Cf. p. 529.

¹⁰ Cf. p. 533.

¹¹ Veja nota de rodapé 6.

Spaniards. They agreed, therefore, to leave that part of Brazil, which they had not conquered, to the king of Portugal, who agreed to leave that part which they had conquered to them, as a matter not worth disputing about with such good allies.

"But the Dutch Government soon began to oppress the Portuguese colonists, who, instead of amusing themselves with complaints, took arms against their new masters, and by their own valour and resolution, with the connivance, indeed, but without any avowed assistance from the mother country, drove them out of Brazil. The Dutch, therefore, finding it impossible to keep any part of the country to themselves, were contented that it should be entirely restored to the crown of Portugal.

"In this colony there are said to be more than six hundred thousand people, either Portuguese or descended from Portuguese, creoles, mulattoes, and a mixed race between Portuguese and Brazilians. No other colony in America is supposed to contain so great a number or people of European extraction." ¹²

O que Adam Smith parece estar sugerindo é que, paradoxalmente, o não-descobrimento de minerais no período inicial da colonização estimulou o progresso do Brasil. Isto porque tal desapontamento teria feito com que os portugueses negligenciassem a colônia, o que teria favorecido o Brasil. Assim, a colônia, na época, teria tido relativa liberdade para administrar seus negócios da maneira que achasse mais adequada para o seu interesse. Após a descoberta de minerais, já em meados do século XVII, aumentaria a interferência de Portugal no Brasil, resultando o estabelecimento de pesados impostos e situações de monopólio comercial.

Estas observações ficam ainda mais evidenciadas com a explicação de Adam Smith para o progresso mais rápido das colônias inglesas na América do Norte. Segundo o economista escocês, a menor disponibilidade de boas terras em comparação às colônias espanholas e portuguesas era compensada pelas instituições políticas mais favoráveis, que permitiam uma liberdade maior para as colônias administrarem seus negócios. ¹³ Nas colônias inglesas, segundo Adam Smith, os impostos e os gastos oficiais eram mais moderados em comparação às colônias espanholas, portuguesas e francesas. Além disso, o monopólio comercial era menos opressivo para as colônias inglesas, com menores restrições.

¹² Cf. p. 535-6.

¹³ Cf. p. 538-9.

Por exemplo, Adam Smith registra que Portugal restringia todo o comércio com o Brasil a apenas um porto português, o que favoreceu a organização, na prática, de um monopólio comercial, como se fosse uma companhia exclusiva. Tal prática produzia lucros de monopólio para alguns comerciantes portugueses, fazendo com que a colônia tivesse de comprar muito caro e vender muito barato, sendo mal abastecida.

Com relação a Pernambuco e Maranhão — duas das principais províncias do Brasil — a política portuguesa a partir de 1755 teria mudado para pior ainda, com o estabelecimento de uma companhia exclusiva, com a qual a colônia teria de lidar tanto para comprar como para vender. Segundo Adam Smith, “of all the expedients that can well be contrived to stunt the natural growth of a new colony, that of an exclusive company is undoubtedly the most effectual.”¹⁴

Em contraste, a política inglesa era mais liberal com relação ao comércio com as colônias, muito embora Adam Smith deixe claro que também havia restrições e limitações. Com algumas exceções, as colônias inglesas podiam exportar para qualquer parte do mundo, em contraste com as colônias espanholas e portuguesas.

O contraste fica bastante nítido no seguinte trecho:

“In every thing, except the foreign trade, the liberty of the English colonists to manage their own affairs their own way is complete. It is in every respect equal to that of their fellow-citizens at home . . .

The absolute governments of Spain, Portugal, and France, on the contrary, take place in their colonies; and the discretionary powers which such governments commonly delegate to all their inferior officers are, on account of the great distance, naturally exercised there with more than ordinary violence . . . It is in the progress of the North American colonies, however, that the superiority of the English policy chiefly appears”.¹⁵

A seguir, na terceira parte do capítulo, Adam Smith busca os benefícios trazidos à Europa pela descoberta da América e do caminho marítimo para as Índias. Na sua opinião, tais eventos foram “the two greatest and most important events recorded in the history of mankind”.¹⁶ Embora esta parte se concentre sobretudo na Inglaterra e nas colônias inglesas, é

¹⁴ Cf. p. 542.

¹⁵ Cf. p. 551-3.

¹⁶ Cf. p. 590.

interessante pelo menos registrar a impressão de Adam Smith de que os maus efeitos do monopólio, no caso de Espanha e Portugal, teriam mais do que compensado os bons efeitos do comércio com as colônias, contribuindo para que aqueles dois países regredissem e deixassem de ser países industriais manufatureiros. Os lucros exorbitantes dos comerciantes de Cadiz e Lisboa não aumentaram o capital, não aliviaram a pobreza e não promoveram a indústria na Espanha e em Portugal.¹⁷ Na verdade, como argumenta Adam Smith, as colônias espanholas e portuguesas — a despeito dos monopólios comerciais — parecem ter beneficiado mais as indústrias de outros países do que as indústrias de Portugal e Espanha.

2. Adam Smith e o Tratado de Methuen

Outro capítulo de *A riqueza das nações* onde o Brasil aparece com algum destaque é o VI do livro IV, que analisa os tratados comerciais. Adam Smith dedica-se sobretudo à análise do tratado de 1703 entre Inglaterra e Portugal — o Tratado de Methuen — sempre com a finalidade de mostrar algumas falácias do mercantilismo. O Tratado do Methuen, por exemplo, era supostamente favorável à Inglaterra, já que aumentaria o seu superávit comercial com relação a Portugal, resultando em maior entrada de ouro (proveniente do Brasil) naquele país. Mas Adam Smith procura mostrar que o tratado era na verdade prejudicial à Inglaterra e favorável a Portugal, que praticamente ganhara o monopólio de exportação de vinhos para a Inglaterra.¹⁸

Pelo tratado: 1. Portugal readmite importações de manufaturas e tecidos de lã da Inglaterra; 2. A Inglaterra se compromete a importar vinhos de Portugal a tarifas mais baixas do que as aplicadas para os vinhos da França. Como observa Adam Smith, Portugal apenas se compromete a admitir manufaturas de lã inglesas nas mesmas bases do que de qualquer outra nação. Já a Inglaterra beneficia os vinhos portugueses relativamente aos seus principais competidores — os franceses — praticamente dando a Portugal o monopólio da exportação de vinhos para a Inglaterra. Neste sentido, argumenta Adam Smith, o tratado não é favorável à Inglaterra.¹⁹

Mas, dentro da teoria mercantilista, o tratado foi celebrado como um excelente ato de política comercial inglesa, já que aumentaria o superávit

¹⁷ Cf. p. 578.

¹⁸ Cf. p. 513.

¹⁹ Cf. p. 512.

da Inglaterra no comércio bilateral com Portugal. Em consequência, o ouro proveniente do Brasil para Portugal seria transferido para a Inglaterra. Adam Smith apresenta estimativas de alguns autores de que mais de 2.600.000 libras de ouro por ano eram levadas no século XVIII de Portugal para a Inglaterra. Mas ele mesmo lembra que isto era muito mais do que a produção brasileira total, estimada por Raynal em £ 2.250.000 por ano.²⁰

Adam Smith refuta a idéia de que a Inglaterra era extremamente dependente do comércio com Portugal apenas porque quase todo o seu ouro vinha deste país. Frisa que mesmo a perda total do comércio com Portugal não causaria nenhum dano maior à riqueza e ao progresso da Inglaterra.

A este respeito, é interessante finalizar esta nota com o famoso trecho de Adam Smith a respeito do comércio internacional:

"The importation of gold and silver is not the principal, much less the sole benefit which a nation derives from its foreign trade. Between whatever places foreign trade is carried on, they all of them derive two distinct benefits from it. It carries out that surplus part of the produce of their land and labour for which there is no demand among them, and brings back in return for it something else for which there is a demand. It gives a value to their superfluities, by exchanging them for something else, which may satisfy a part of their wants, and increase their enjoyments . . . By opening a more extensive market for whatever part of the produce of their labour may exceed the home consumption, it encourages them to improve its productive powers, and to augment its annual produce to the utmost, and thereby to increase the real revenue and wealth of the society . . . It is not by the importation of gold and silver, that the discovery of America has enriched Europe . . . By opening a new inexhaustible market to all commodities of Europe, it gave occasion to new divisions of labour and improvements of art . . . A new set of exchanges, therefore, began to take place which had never been thought of before, and which should naturally have proved as advantageous to the new, as it certainly did to the old continent. The savage injustice of the Europeans rendered an event, which ought to have been beneficial to all, ruinous and destructive to several of those unfortunate countries".²¹

²⁰ Cf. p. 209.

²¹ Cf. p. 415-6.